

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

CLÁUDIA DENISE CONCEIÇÃO DA COSTA

LETRAMENTO E CONSTRUÇÃO DA ESCRITA E DA LEITURA

São Leopoldo, Novembro de 2010

CLÁUDIA DENISE CONCEIÇÃO DA COSTA

LETRAMENTO E CONSTRUÇÃO DA ESCRITA E DA LEITURA

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação como requisito parcial e obrigatório para aprovação no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia. Realizado sob a orientação da Prof^a.Dr^a. Tania Beatriz Iwazsko Marques.

São Leopoldo, Novembro de 2010.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho gostaria de agradecer todas as pessoas que participaram durante o curso de minhas vitórias, alegrias, e angústias.

Ao meu amor Luiz e meus filhos Luana e Lucas que suportaram meu mau humor e minha ausência durante o período de estudo e que me ensinaram a ter paciência ao aprender a trabalhar no computador.

Aos meus pais e meus avôs que me ensinaram a não desistir de nada que eu desse início. A eles que me ensinaram que tudo pode ser perdido na vida, menos o que se conquista através da educação.

Às minhas colegas de curso, Leila e Edilaine, que, muitas vezes, dividiram comigo as incertezas e também as alegrias.

À professora Tania, minha orientadora do estágio e do TCC, que, com sua tranquilidade, conhecimento e atenção me acompanhou para tornar possível a realização desta conquista.

À tutora Denise que foi parceira desde o primeiro semestre do curso, demonstrando profissionalismo e carinho.

E, finalmente, às pequenas pessoas que me impulsionaram a procurar a graduação, os alunos, aqueles que passaram por minha sala de aula e por minha vida, e aos que ainda vão compartilhar comigo de aprendizagens novas e significativas, e que nunca vou esquecer.

Meu muito obrigado.

“Não se pode voltar atrás e fazer um novo começo,
mas se pode começar agora e fazer um novo fim”.

Chico Xavier

RESUMO

Este estudo surge de reflexões sobre minha prática de estágio realizada no primeiro semestre de 2010, em uma turma do primeiro ano do Ensino Fundamental com crianças de seis anos. Faço uma análise da importância do letramento para a construção da escrita e da leitura, além de refletir sobre meu olhar como professora diante das práticas pedagógicas adotadas no início do Ensino Fundamental. Busco entender de que modo a escola pode adotar o letramento como ferramenta importante nessa construção. Também faço referência à importância de o professor compreender e identificar os estágios do desenvolvimento em que as crianças se encontram para poder proporcionar atividades condizentes a estes períodos, e oferecer uma aprendizagem significativa para a criança ser compreendida em suas construções e seus modos de pensamento. Dessa forma, o professor pode atuar como mediador e incentivador. Esta análise teve como base teórica a Epistemologia Genética de Jean Piaget, que estuda o modo como a criança constroi o seu conhecimento através da interação; a Psicogênese da Língua Escrita de Emília Ferreira e Ana Teberosky, que explica a maneira como a criança constroi a escrita e a leitura; e Magda Soares, que defende que a alfabetização pode e deve acontecer pelo Letramento, na participação da criança com as práticas sociais da escrita e da leitura.

Palavras-chave: letramento; construção da escrita; leitura.

O que é Letramento?

Letramento não é um gancho
Em que se pendura cada som enunciado,
Não é treinamento repetitivo
De uma habilidade,
Nem um martelo
Quebrando blocos de gramática.

Letramento é diversão
É leitura à luz de vela
Ou lá fora, à luz do sol.

São notícias sobre o presidente,
o tempo, os artistas da TV
e mesmo Mônica e Cebolinha
nos jornais de domingo.

É uma receita de biscoito,
uma lista de compras, recados colados na
geladeira,
um bilhete de amor,
telegrama de parabéns e cartas
de velhos amigos.

É viajar para países desconhecidos,
sem deixar sua cama
e rir e chorar
com personagens, heróis e grandes amigos.

É um Atlas do mundo,
sinais de trânsito, caças ao tesouro,
manuais, instruções, guias,
e orientações em bulas de remédios,
para que você não fique perdido.

Letramento é, sobretudo,
um mapa do coração do homem,
um mapa de quem é você,
e de tudo que você pode ser.

(Kate Chong *apud* Soares, 2001, p. 40)

SUMÁRIO

RESUMO.....	04
INTRODUÇÃO.....	06
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	08
O DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL.....	13
REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA.....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	34

INTRODUÇÃO

“Como eu vou saber da terra,
Se eu nunca me sujar?
Como eu vou saber das gentes
Sem aprender a gostar?
Quero ver com os meus olhos,
Quero a vida até o fundo,
Quero ter barro nos pés, eu
quero aprender o mundo!”
(Pedro Bandeira)

A criança, ao ingressar no Ensino Fundamental, traz consigo o domínio da língua enquanto um instrumento para comunicação, podendo expressar suas ideias e sentimentos e, com isso, obter acesso às informações do mundo em que vive. Neste período de vida, ela precisa de atividades que envolvam símbolos e tenham significado, como desenhar, brincar de faz de conta, jogar, cantar, dançar, ouvir histórias, poesias e narrativas que façam parte da cultura local. Afinal, precisa ser criança.

O objetivo deste trabalho consiste em refletir sobre a importância do letramento auxiliando na construção da leitura e da escrita e também refletir quem é a criança que ingressa no ensino fundamental. Além disso, procura refletir sobre os conceitos de alfabetização e letramento.

Minha experiência com a criança de seis anos, em fase de alfabetização, e as leituras que realizei desde meu ingresso na universidade levaram-me a alguns questionamentos com relação à alfabetização, ou melhor, à construção da leitura e da escrita. Observo que algumas crianças, mesmo estando inseridas em famílias de classe média com acesso à leitura e à escrita, demonstram pouco interesse sobre o assunto, e outras já têm um interesse maior, se envolvendo com a leitura e a escrita. Por isso, surgem as perguntas: Quem é essa criança? O que ela quer da escola? Como a escola pode atingi-la, não esquecendo que é criança? E como construir a escrita e a leitura com o auxílio do letramento?

Para apresentar esses questionamentos e os resultados obtidos na busca de compreendê-los, organizo este trabalho em capítulos. No primeiro capítulo, com base no referencial teórico, tento definir o que é alfabetização e letramento. Também faço reflexões sobre o desenvolvimento intelectual dessa criança que participa e frequenta a minha sala de aula. No capítulo seguinte escrevo sobre a experiência de meus alunos com a leitura, o contexto social e a escola que utiliza a leitura como prática social e apresento minha reflexão sobre a prática vivenciada como estagiária e professora, há oito anos trabalhando com alfabetização numa escola de Ensino Fundamental, procurando relacionar as observações ao referencial teórico estudado.

O trabalho baseia-se em pesquisa bibliográfica e na reflexão sobre a minha prática numa escola de Ensino Fundamental. Considero este tema muito importante, pois é somente participando da leitura que a criança perceberá e saberá o que é ler e escrever com prazer, ou seja, ela saberá o que é “aprender o mundo” citando Pedro Bandeira.

A criança interage com o mundo que a rodeia, participa e vive nesse mundo onde as transformações ocorrem rapidamente. Hoje ela trabalha no computador com a rapidez e a destreza que muitos adultos ainda não alcançaram. Enfrenta desafios e dificuldades, pois deseja assim descobrir, reinventar, e, para isso, utiliza e domina o novo com muita facilidade.

A escola recebe essa criança do século XXI participante da era das tecnologias, que possui grande capacidade para aprender, e, para isso, deve agir como mediadora e incentivadora do conhecimento, e não mais dominadora e detentora do saber. Diante destas evidências, cabe à escola garantir a essa criança o brincar para o seu pleno desenvolvimento, a socialização, e, principalmente, promover a alfabetização por meio do uso do letramento, onde ela vai compreender a leitura e a escrita como atividades úteis, prazerosas e sentir desejo de ler e escrever.

1. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

O conceito de alfabetização se refere à aprendizagem da tecnologia da escrita, quer dizer do sistema alfabético da escrita, a capacidade de decodificar e codificar as letras, transformando-as em sons na leitura e na escrita. Para Soares (2001, p.31), “Alfabetizar é ensinar a ler e escrever, ou seja, alfabetização é a ação de alfabetizar, de tornar alfabeto”. Alfabetizar é muito mais do que fazer as crianças memorizarem letras, mas dar condições para que elas compreendam como funciona o sistema da escrita, ou melhor, é possibilitar momentos de reflexões sobre o funcionamento do sistema alfabético. A criança aprende a falar quando falamos com ela, quando tentamos compreendê-la e assim acontece com a alfabetização. Aos poucos, ela precisa dominar o sistema, e o professor precisa estar ao lado para identificar suas hipóteses e auxiliar. Mas esse processo pode e deve ser acompanhado com textos reais, ou seja, textos do convívio dessa criança, textos que ela conhece e com os quais já tem alguma intimidade.

Letramento é conceituado por Soares (2001, p.47) como: “o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”. Seria, portanto, o uso da tecnologia da escrita nas situações de leituras reais, com sentido e significado, com o processo de inclusão e participação na cultura escrita. Esse processo tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade, tais como placas, embalagens e revistas, e que nunca termina, prolongando-se por toda sua vida.

Não discuto aqui se é melhor usar alfabetização ou letramento com as crianças, mas, pela experiência em sala de aula, posso constatar que, por serem pessoas que vivem em sociedade letrada, em que a língua escrita está visivelmente presente nas atividades cotidianas, entrando em contato com textos escritos, acabam por formular hipóteses sobre sua utilidade e funcionamento. Optar entre letramento ou alfabetização não é justificável, mas a opção mais correta, em meu ponto de vista, é introduzir na sala de aula do primeiro ano a alfabetização e o letramento.

Por muito tempo, a vivência com textos reais foi excluída da escola, ou melhor, da sala de aula, onde eram lidos textos fabricados para ler e escrever, os quais eram considerados textos para ensinar, transformando a alfabetização num processo artificial. Explorando a relação extra-escolar da criança, é possível conhecer e desenvolver junto delas experiências culturais ricas e importantes.

Alfabetização e Letramento são processos diferentes, com diferentes especificidades, mas complementares e inseparáveis. A ação pedagógica adequada é a que contempla, de maneira articulada e simultânea, a alfabetização e o letramento, não os concebendo como processos que se sucedem, mas que se complementam. É possível utilizar o letramento dando ênfase ao acesso ao sistema alfabético e às convenções da escrita, já que um não substituirá o outro, mas caminharão juntos. Saber ler não significa desenhar letras, mas fazer uso da linguagem escrita, e esse uso nos remete a saber ler criticamente diferentes tipos de textos, e poder participar da sociedade com autonomia.

Meu projeto de estágio, realizado no curso de Pedagogia da UFRGS, privilegiou incorporar diferentes portadores de textos às práticas de leitura em sala de aula, incluindo aqueles que fazem parte do cotidiano infantil, acrescentando também outros diferentes, para que, assim, as crianças pudessem vivenciar a leitura e a escrita como prática social. “Quanto mais exposta ao mundo letrado, mais informação tiver sobre o valor social da palavra, mais elementos a criança terá para trabalhar com a linguagem escrita” (Duran, 1990). Para Magda soares (2001, p. 92):

Alfabetização - aquisição da tecnologia da escrita - não precede nem é pré-requisito para o letramento, ou seja, para a participação nas práticas sociais de escrita, tanto é assim que analfabetos podem ter um certo nível de letramento: sem que hajam adquirido a tecnologia da escrita, utilizam a quem a tem para fazer uso da leitura e da escrita, além disso, na concepção psicogenética de alfabetização atualmente em vigor, a tecnologia da escrita é aprendida não como concepções anteriores com textos construídos artificialmente para aquisição da técnicas de leitura e escrita, e sim por meio de atividades de letramento, ou seja, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e escrita.

Vygotsky (1984, p.119) avalia a forma como a escola lida com o ensino da linguagem escrita, pois não é reservado a ela um papel importante que auxilie o desenvolvimento da criança.

A leitura tem ocupado um lugar muito estreito na prática escolar, em relação ao papel fundamental que ela desempenha no desenvolvimento cultural da criança. Ensina-se às crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a ler o que está escrito. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que acaba-se obscurecendo a linguagem escrita como tal.

A escola ainda hoje tem entendido a leitura como um simples ato de decodificar o sistema lingüístico ao fazer com que a criança em fase de alfabetização somente soletre consoantes e vogais, esquecendo que o aprendizado da leitura só se dará realmente com a compreensão da leitura, quando a criança ler e der sentido ao que foi lido.

Os estudos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, publicados no livro *Psicogênese da Língua Escrita*, narram o caminho da criança no processo da aquisição da linguagem desde os primeiros contatos com o objeto de conhecimento até a descoberta do sistema alfabético. Para as autoras, o processo de alfabetização tem de incorporar o uso de textos reais do cotidiano da criança, pois a alfabetização não é somente decodificação, mas uma prática pedagógica contextualizada e significativa.

Ferreiro e Teberosky (1985, p. 158) afirmam que “mesmo a criança que provém dos setores mais desfavorecidos vive imersa numa cultura letrada. Só o fato de sair à rua é suficiente para mostrar a presença constante da escrita por todos os lados. Seu valor social é tal que não se poderia pensar em prescindir dela”.

O ensino inicial da leitura deve assegurar a interação da criança com a língua escrita, pois somente participando dela perceberá e saberá o que é ler e escrever com prazer. As crianças com que trabalho, quando iniciaram o ano letivo, não estavam alfabetizadas, mas grande parte já era letrada, pois frequentaram instituições que se utilizavam das práticas de letramento, como rodas de leituras, trabalhos em computadores e de práticas vivenciadas em casa com seus

responsáveis legais. Ou seja, são participantes da escrita e da leitura como função social, compartilham já em casa ou mesmo nas instituições freqüentadas, de atividades específicas de comunicação, como escrever bilhetes, mesmo se utilizando da professora ou da família como escriba, contar histórias, enfim já produzem algum tipo de escrita e leitura, mesmo não sendo a formal.

Utilizar o letramento para a construção da leitura e da escrita não significa ter que abandonar o ato de ensinar o som das letras. O estudo da Psicogênese permite a compreensão de que o conhecimento do valor das letras não é suficiente para aprender a ler, mas, também, não significa que seja desnecessário. Portanto, é importante alfabetizar letrando.

2. O DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL

Em 2006 foi aprovada a lei 11.274, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, incluindo, no Ensino fundamental, a criança de seis anos no primeiro ano, dando oportunidades à criança de classes mais populares à educação, já que a de classe média e alta já se encontra matriculada na pré-escola ou primeira série.

À família cabe a obrigação da matrícula e à escola a adaptação do currículo e inserir essa criança no ensino fundamental, sem esquecer que é uma criança, mas que, também, necessita e tem direito a uma educação de qualidade. À escola, com todos os envolvidos, cabe uma reflexão e a autonomia de rever conteúdos para que haja uma verdadeira acolhida dessa criança no ensino fundamental. Essa criança, além de estar buscando aperfeiçoamento de seus conhecimentos, também busca o brincar e estar envolvida com seus colegas.

As crianças com que trabalho e realizei meu estágio começaram o ano escolar com seis anos e gradativamente, até o final de 2010, estarão completando sete anos. Não é possível determinar em que fase do desenvolvimento intelectual essas crianças se encontram, levando em consideração somente suas idades, mas, através da observação diária e da maneira como resolvem problemas, fica possível definir e conhecer o estágio.

O desenvolvimento intelectual ocorre em fases com modificações progressivas da percepção e da interação com o mundo. Esses estágios apresentam-se de forma contínua, mas, sem definição de idades rígidas. Individualmente, cada criança atravessa o estágio seguindo uma sequência regular, sendo que cada uma necessita de experiências suficientes em cada estágio para poder incorporar essas experiências antes de prosseguir para o próximo.

O estudo de Piaget revela que os estágios possuem características fundamentais próprias que descrevem a forma como as crianças transformam as experiências adquiridas no estágio anterior em conhecimento no estágio seguinte.

Nesse estudo do desenvolvimento intelectual, Piaget deixa evidente que a aprendizagem se deve à ação e à vivência dessa ação do sujeito sobre o objeto do conhecimento. Evoluem através da adaptação às novas realidades, fatos novos geram situações de desequilíbrio que vão provocar a necessidade de conhecer, dessa forma a criança procura “incorporar o universo a si própria” (Piaget, 1986).

Através da ação, por meio da interação com o mundo físico e social, as crianças vão construindo as formas de pensamento, ou seja, as crianças só aprendem a conhecer o objeto agindo, atuando sobre ele e assim o transformando. A construção do conhecimento somente acontecerá se ocorrerem ações mentais que provocam o desequilíbrio, resultando na assimilação ou acomodação e conseqüentemente na construção de esquemas ou conhecimento. Esses esquemas não são objetos reais, mas processos ocorrendo dentro do sistema nervoso, estruturas mentais pelas quais os indivíduos se adaptam e organizam o meio. Segundo Piaget (1986, p.14):

A cada instante, pode-se dizer, a ação é desequilibrada pelas transformações que aparecem no mundo, exterior ou interior, e cada nova conduta vai funcionar não só para restabelecer o equilíbrio como também para tender a um equilíbrio mais estável que o do estágio anterior e esta perturbação.

Esse desenvolvimento é um processo de sucessivas mudanças qualitativas e quantitativas das estruturas que se originam de estruturas anteriores, ou seja, a criança constroi e reconstroi as estruturas ficando cada vez mais apta ao equilíbrio. A essas construções Piaget dá o nome de estádios, como já mencionado acima.

O estágio sensório-motor, que inicia no nascimento e vai até aproximadamente 24 meses, representa a conquista, através dos movimentos e da percepção, isto é, a criança começa a perceber o mundo a sua volta e a formar esquemas. Passa a explorar seu próprio corpo, sentir emoções, estimular o ambiente e ser por ele estimulado, busca adquirir controles naturais e aprender sobre os objetos, conquistando conhecimentos das suas próprias ações.

Aproximadamente entre os 2 a 7 anos surgirá o estágio pré-operatório, onde a criança já terá desenvolvido ativamente a linguagem, que lhe dará condição de utilizar a inteligência prática adquirida no estágio anterior, iniciando a capacidade de

formar esquemas simbólicos. Lentamente começa a aumentar a capacidade do pensamento, mas ainda continua com o egocentrismo, e ligada às ações. Neste período há uma criança que já começa a atuar de modo lógico e coerente.

Por volta dos 7 aos 12 anos, no estágio operatório-concreto, observa-se uma diminuição do egocentrismo intelectual e um crescente desenvolvimento do pensamento lógico. A criança já possui o conhecimento real dos objetos e das situações da realidade exterior. Nesta fase, a criança ainda necessita da estrutura das ações físicas formada no sensório-motor, mas estas, já incorporadas, passam a ocorrer mentalmente.

No estágio das operações formais, aproximadamente dos 12 anos em diante, é possível formar esquemas conceituais abstratos, como conceituar termos como amor, justiça e outros. O adolescente torna-se consciente de seu pensamento.

Os estádios do desenvolvimento intelectual fornecem dados referentes às crianças, devendo ser respeitados para se propor situações de aprendizagens, ou seja, propor situações compatíveis com o estágio atual do desenvolvimento cognitivo das crianças ou adolescentes.

Algumas crianças de minha turma encontram-se no estágio pré-operatório e outras já no caminho do estágio operatório-concreto. São sonhadoras, com pensamentos mágicos e possíveis de fantasiar a realidade. Utilizam a linguagem para participar da sociedade que neste momento é a escola. As atividades propostas abrangem a realidade vivida por elas, com utilização de objetos concretos e reais para a aprendizagem. Ainda possuem algumas características do pensamento egocêntrico, mas, nesta fase, iniciam a capacidade de ordenar e classificar.

Este é um momento em que as crianças ainda vivem dentro de um mundo mágico, em que acreditam que as situações, bichos ou pessoas são totalmente boas ou más. É a fase inocente onde acreditam em fadas, bruxas, papai Noel e coelhinho da páscoa e ainda demonstram muito medo do escuro, bicho papão, lobo mau, enfim de seres imaginários. Costumam dar vida imaginativa aos brinquedos ou qualquer objeto que estiver a sua frente, como os materiais escolares. Na hora das atividades ou mesmo na hora da brincadeira, os objetos que chamam sua atenção

viram brinquedos e com isso ganham falas. Já começam a aprimorar e entender alguns conceitos como idade, espaço, tempo, certo e errado, mas ainda têm dificuldade de expressar esses conceitos verbalmente, ou seja, de conceituá-los para os demais e somente com exemplos conseguem expor a explicação. Este período também é marcado pelo fato da criança iniciar o processo de diferenciar a fantasia do real.

Segundo Piaget (1983), esses estádios gradativamente vão evoluindo e só evoluem porque a criança costuma agir e dessa maneira dela agir conseqüentemente vai englobando, ampliando, e modificando o estádio anterior. O principal motivo de conhecer e saber identificar os estádios em que se encontram minhas crianças dentro da sala de aula é para proporcionar atividades e situações onde elas possam interagir com a realidade e organizar seus conhecimentos, através da troca com o outro, respeitando a sua capacidade.

3. REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA

O relato que apresento tem início na experiência de estágio em uma escola municipal de ensino fundamental na cidade de São Leopoldo. O trabalho foi realizado em uma turma do primeiro ano, com dezessete crianças na faixa etária de seis anos.

As aulas foram planejadas com o intuito de que a criança, através da brincadeira e do faz de conta, pudesse construir a leitura e a escrita, com textos do seu cotidiano, enfim, com o uso do letramento.

Também procurei respeitar as orientações para inclusão da criança de seis anos de idade no ensino fundamental (Nascimento, Pagel e Beauchamp, 2006, p.31).

As crianças possuem modos próprios de interagir com o mundo. A nós professores cabe favorecer a criação de um ambiente escolar onde a infância possa ser vivida em toda a sua plenitude, um espaço e um tempo de encontros entre os espaços e tempos de ser criança dentro e fora da escola.

Também procurei levar em consideração um dos princípios do PCN (1998, p. 46), para o aprendizado da criança.

Os conhecimentos que se transmitem e se recriam na escola ganham sentido quando produtos de uma construção dinâmica que se opera na interação constante entre o saber escolar e os demais saberes, entre o que o aluno aprende na escola e o que ele traz para a escola, num processo contínuo e permanente de aquisição, no qual interferem fatores sociais, culturais e psicológicos.

Início minha reflexão sobre a prática relatando as propostas planejadas durante as dez semanas como estagiária e minha experiência dentro da escola com crianças na fase de alfabetização. Durante esse período, foram selecionadas dez temáticas previamente escolhidas pela observação feita anteriormente ao estágio e

consideradas relevantes, assuntos do interesse das crianças, e alguns respeitando o planejamento escolar como as datas comemorativas que são trabalhadas na escola.

A prática de leitura diária foi privilegiada, portanto, durante esse período, foram vários e diferentes tipos realizados tanto por mim como pela criança que já iniciou o ano lendo. Foram trabalhadas histórias infantis, lendas, fábulas, poesia, versinhos, leitura de jornal e também proporcionados momentos onde a criança tinha prazer de cantar com a utilização de músicas de seu repertório.

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (Abramovich, 1997, p. 17).

Para Abramovich (1997), as crianças, ao ouvirem histórias, podem visualizar mais claramente seus sentimentos e elas podem trabalhar os problemas típicos da infância, como os medos, a inveja, o carinho, a curiosidade e a raiva e também a partir destes textos podem ser trabalhados diferentes assuntos, em diferentes disciplinas.

Diariamente, após a cantiga de boa tarde, os alunos podiam se organizar da maneira que desejassem para o momento da leitura feita por mim, ou pelo colega leitor, de um dos portadores de textos planejados para o dia. Nesta leitura, era importante a participação das crianças, através do diálogo entre eles e também comigo, para que compreendessem o assunto do dia, e também aprimorassem sua oralidade.

Com relação ao livro infantil, era mostrada a capa e comentado o nome do escritor e do ilustrador, e quando se tratava de reportagem jornalística, era informado o nome do Jornal, sendo que, na maioria das vezes, o utilizado era o da cidade, e o repórter que havia assinado a matéria.

Quando tratava de histórias infantis, onde animais falam, procurava dar entonação, para criar dramaticidade e ritmo à leitura. As ilustrações eram mostradas e as crianças participavam na hora da leitura, batendo palmas para as partes que

gostavam, também vaiando ou simplesmente tentando a comunicação com os personagens. Muitas vezes parava de ler para que as crianças pudessem comentar a história.

A atividade sempre terminava com um momento no qual as crianças pudessem expor suas opiniões sobre a leitura e sobre os personagens envolvidos, sendo que, muitas vezes, relatavam como se aquele personagem existisse na realidade. Com essa atividade, apareciam diferentes impressões sobre o que eu havia lido, ou seja, não eram feitas perguntas sobre a leitura, mas as crianças, com suas palavras, podiam discordar do que havia acontecido na história, ou simplesmente contar parcial ou integralmente a história ou reportagem lida. Por isso a leitura por prazer, prazer de conhecer o novo, prazer em participar de diálogos e poder dar sua opinião.

Abramovich, em seu livro *Gostosuras e bobices* (1997, p. 17), escreve sobre esse prazer mencionado anteriormente:

Ler, pra mim, sempre significou abrir todas as comportas pra entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua linda, sendo exatamente isso!

Participei de uma palestra com o escritor Cai Riter, oferecida pela Secretaria de Educação do Município de São Leopoldo, sendo esse um dos autores gaúchos que participa do projeto *Leituração*. Esse projeto tem por objetivo trabalhar com a literatura nas escolas, proporcionando o contato dos alunos com obras e escritores gaúchos. Queria conhecer o escritor do *Fusquinha cor de rosa* e de muitas histórias lidas durante anos, e foi incrível estar perto daquele que com suas palavras escritas levou prazer a mim e às minhas crianças. Destaco um trecho de seu livro *A formação do leitor literário em casa e na escola*:

Ouvir histórias e contá-las é o primeiro passo na formação de leitores, de pessoas para quem o *Era uma vez* institui uma nova atmosfera, um novo universo. Afinal ouvir histórias desde pequeno, é: suscitar o imaginário, abrir espaço para a fantasia; ter curiosidade em relação a tantas perguntas que o mundo nos impõe; encontrar outras ideias; encontrar aconchego, espaço

para troca; possibilidades para entender o mundo que nos cerca e nos amedronta; identificar-se com personagens, e como eles solucionar conflitos, vivenciar outras realidades (Riter, 2009, p.67-8).

Com as palavras de Caio Riter, confirmo meu interesse em proporcionar leitura para as crianças na fase de alfabetização, o incentivo à leitura, e a importância para as crianças dessa prática em sala de aula. Na fase de descoberta em que elas estão à leitura leva ao conhecimento do novo, conhecimento de palavras novas, ou seja, viajando junto com minhas crianças no mundo da leitura vou incentivando a formação de leitores do futuro, e, conseqüentemente, eles estão construindo a leitura e a escrita sem a mecanização imposta em outros tempos.

Mesmo que ainda não possuam a autonomia de ler sozinhas, as crianças podem e devem conhecer as características desta com a participação de um adulto. É preciso sempre lembrar que só se aprende a ler lendo. O professor, ao ler para as crianças, tem papel fundamental no aprendizado, e a leitura vai beneficiar as crianças que ainda não compreenderam o sistema de escrita, possibilitando que aprendam sobre ela ainda que não saibam escrever.

Durante esse período, a turma foi preparada para diariamente escutar algum tipo de leitura, para que pudesse se familiarizar com os diferentes gêneros, e gradativamente o seu repertório também é ampliado. Segundo Paulo Freire (1989, p. 27), “o ato de ler é um processo que vincula a linguagem à realidade, o que faz com que tal processo ocorra de forma diferenciada de acordo com as lentes que o leitor utilize para ler essa realidade”. As crianças, mesmo sem saber ler, já lêem através de seus sentidos, podem perceber a relação entre o texto e o contexto.

3.1. Escrevendo para aprender a escrever

Compreender o sistema de escrita não é fácil, pois depende da experiência da criança com leitura e escrita, e algumas apresentam certa dificuldade, outras não, diferentes das crianças que frequentam minha sala de aula, pois são integrantes de famílias com condição financeira boa, com acesso a boas escolinhas antes do ingresso no ensino fundamental e participante do mundo letrado em suas casas.

Mesmo que algumas construam esse processo mais lentamente, gradativamente vão evoluindo.

É importante acreditar na criança e também dar vez e voz para que ela possa explicar o que tem de conhecimento sobre a escrita e leitura, e, a partir disso, interferir oferecendo materiais para que ela construa a escrita e a leitura. Trabalhar com textos que façam parte do cotidiano infantil vai facilitar nessa construção de forma significativa.

Confesso que quando comecei meu trabalho com alfabetização na mesma escola em que trabalho atualmente, iniciei da mesma maneira que fui alfabetizada, com textos empobrecidos e sem significados, textos de cartilhas criados para esse fim.

Com o passar do tempo e com o estudo, fui compreendendo que as crianças não precisam primeiramente aprender as letras para depois chegar aos textos. Elas podem e devem aprender sobre as letras diretamente nos textos. Não há sentido aprender a letra A, podendo aprender sobre essa mesma letra, por exemplo, na música da *Dona Aranha*, brincando e cantando. Isso só é possível através das histórias, das parlendas, dos versinhos e das músicas que acompanham as brincadeiras de pular corda. Dessa maneira, a criança estuda sobre as palavras que tenham significados para ela. Até mesmo a regra de um jogo pode incentivar e levar as crianças a aprender sobre as letras. Com essa situação de aprendizagem, as crianças vão comparar palavras já trabalhadas anteriormente e criar hipóteses na escrita de outras palavras.

Durante o período de estágio, diversas atividades foram oferecidas às crianças, com o intuito de desenvolver a escrita e a leitura, mesmo que não fosse de maneira formal. Semanalmente, com a leitura dos diferentes textos, proporcionava momentos nos quais elas pudessem pensar sobre a escrita. Primeiro era escolhida a palavra para poder comparar com as ditadas pelas crianças, como, por exemplo, o nome da personagem Emília do *Sítio do Pica pau amarelo*. As crianças fizeram comparações com o nome do colega Ezequiel, ambas iniciados pela letra E.

Nessa primeira semana foi trabalhado o dia do livro em homenagem a Monteiro Lobato. As crianças assistiram a um episódio em vídeo do *Sítio do Pica-pau Amarelo*, construíram maquetes, máscaras para dramatização, e incentivados por essas atividades escreveram o nome dos personagens de que mais haviam gostado ou que lhes tinha chamado a atenção.

A seguir apresento algumas hipóteses de algumas crianças.

AIZO = Narizinho; *PIO* = Pedrinho; *EMA* = Emília; *BA* = Dona Benta; *ANIA* = Tia Anastácia; *IRO* = Anjinho; *EOMLP* = Emília; *AI* = Saci; *AO* = onça; *IOISUO* = Visconde de Sabugosa; *PO* = Pedrinho; *EMIA* = Emília; *ANGO* = Anjinho; *AIOU* = Narizinho; *IOI* = Visconde.

Estas foram as primeiras construções no período do estágio feitas pelas crianças. Então comecei a trabalhar mais o reconhecimento das letras, sons/letras e também continuei deixando suas construções espontâneas. Procurava interferir o menos possível, mas muitas das crianças pediam minha interferência, pediam para que eu ajudasse, ditando as letras que queriam escrever, e, nessa situação, procurava pronunciar as palavras para que elas mesmas identificassem e escrevessem.

Quando construíram a peteca, na semana em que a temática era o dia do índio, os alunos sentiram a necessidade da escrita do nome daquele brinquedo que tanto gostaram. As hipóteses foram:

EA. *“Tá pequena, mas acho que é peteca”*; PTC. *“A minha tem três letras, né profe?”*; PETCA. *“Pai começa com a letra P igual à peteca, né profe?”*; PTECA. *“Escreve com p aquele p de pipoca, pé, picolé, peixe, né profe?”*; PECA. *“Profe, peteca começa com o mesmo pedacinho de Pedro, que é o meu mano”*.

As atividades de escrita eram realizadas sempre em grupos, para que pudesse haver trocas, sendo que aqueles que mais sabem auxiliavam os colegas que têm mais dificuldade em pensar nas letras e sons que precisavam usar. G, o aluno que já escreve e lê, fica nervoso e com vontade de dizer como realmente se escreve, então é preciso propor para que fique na minha mesa e espere os colegas terminarem. Sugiro que faça outro tipo de atividade como escrever as regras do jogo

de peteca e, nesse momento, ele alega que não conhece as regras, mas, juntos, construímos algumas, conforme tínhamos jogado.

Escrita de G: “1. *NAU DEXA CAI MACA POTO*” (não deixar cair, pois marca ponto). “2. *NAU JOGA COU RAQUETE BATE COU A MAO*” (não jogar com raquete, bater com a mão). “3. *GANNA QEI TEI MAIZ POTO*” (ganha quem tem mais pontos). “4. *DOIZ JOGADOREZ*” (dois jogadores).

Nas primeiras produções escritas, é possível perceber o nível silábico com valor sonoro, onde é registrada uma letra para cada emissão sonora. Segundo Ferreira e Teberosky (1985, p. 193), a criança trabalha com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala: “Este nível está caracterizado pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita”.

G já se encontra no nível alfabético, começando a compreender o princípio alfabético da nossa escrita, no entanto ainda apresenta erros de ortografia. Após a leitura das regras, G disse: “*Profe, tem coisa errada, não consigo ler, ganha, fica gana*”. Então voltamos à escrita e o ajudei a escrever como nossa língua exige.

O mais notável nestas construções é que, a cada semana, as crianças se apropriavam mais da escrita. A alfabetização deixou de ser um momento em que o professor acreditava ensinar tudo, e passou a ser considerada um processo no qual a criança se apropria da aprendizagem mediada pelo professor. A alfabetização é o momento em que a criança se desenvolve aprendendo e aprende se desenvolvendo. Segundo Ferreira e Teberosky (1985), as crianças que mantêm contato com sinais gráficos vão evoluindo gradativamente.

Na terceira semana já havia criança reescrevendo a música Borboletinha trabalhada em sala de aula. Enquanto as crianças estavam no processo de construção da leitura de forma autônoma, brincávamos de faz de conta com a leitura de cantigas de rodas e músicas conhecidas por elas. A seguir reescrevo a construção de escrita da música feita por uma criança.

BOBOLIA TA NA COZINA (Borboletinha ta na cozinha).

FAZEDO XOCOLATI PA VIZINA (Fazendo chocolate para a vizinha).

POTI POTI (Poti, poti).

PENA DE PAU (Perna de pau).

OLO DE VIDO (Olho de vidro).

NARIZ DE PICAPAU (Nariz de pica pau).

PAU PAU.

Essa criança estava muito entusiasmada e queria escrever tudo e também pedia para que eu escrevesse as letras cursivas, o que fazia e ela imitava em outra folha.

Havia, também, por parte das crianças, a preocupação de não errar, como se não pudessem cometer erros na escrita. Parece-me que são cobranças e preocupações vindas das famílias que não entendem o processo de construção pelo qual a criança está passando. Hoje, depois dos estudos e leituras, sei que esses erros que tanto preocupam são estágios do pensamento que a criança precisa superar, gradativamente ela vai avançando em suas hipóteses de escrita e o professor tem o papel de auxiliar e ser o mediador.

Na quarta semana trabalhamos com atividades e leituras referentes às mães, ou melhor, a pessoa que representa a figura materna, podendo ser diversas pessoas. Com isso propus que as crianças citassem as músicas cantadas por essas pessoas para elas quando bebês, inclusive nós escutamos a música que cantava quando meus filhos eram pequenos. Em disparada, a música lembrada foi “Boi da cara preta”, que, ao brincar de boneca, meninos e meninas cantam para niná-las, na brincadeira de casinha. Antes de entregar cópia da música às crianças, foi pedido por uma das meninas que a escrevessem no caderno. A seguir algumas das hipóteses.

Aluno A: *OACT*= Boi da cara preta.

Aluno B: *PH E EINO* = Pega esse menino.

Aluno C: *E MEO DE CAEA* = Que tem medo de careta.

Para representar essa atividade, utilizo a construção de três crianças. Nessas três produções pude perceber a necessidade de propor atividades diferentes para as crianças, pois estão em diferentes níveis de construção.

Quando uma criança escreve, tem a oportunidade de perceber que sua hipótese não está completa, e ela, gradativamente, vai descobrindo poder escrever tudo que quer, mas, que o que foi escrito poderá não ser lido pelas outras pessoas, nem por ela, pois faltam elementos, assim vai tentando modificar essa escrita. Isso acontece nos exemplos acima citados. Na hora da leitura, elas sabiam o que haviam escrito, mas aquilo não era possível de se ler, e foi percebido pelas crianças.

Nesse momento, dividi a turma em grupos de níveis diferentes, para que quem já estivesse em níveis mais adiantados pudessem auxiliar os que ainda estavam no nível silábico. Nessa troca de idéias, houve discussões de como se escreve o que facilitou a criança silábica a avançar.

Na quinta semana o planejamento nos levou a recitar a parlenda *Corre Cutia*, que as crianças já conheciam. Elas repetiram a parlenda, mas não conheciam uma cutia, então selecionei um vídeo do Youtube para que a conhecessem.

Na tentativa da escrita da palavra cutia, pude perceber avanços significativos das crianças do nível silábico citadas anteriormente, agora formulando hipóteses mais completas, já com a preocupação em representar um som para cada letra escrita. Segundo Ferreiro e Teberosky (1985, p. 196), “a hipótese silábica é uma construção original da criança, que não pode ser atribuída a uma transmissão por parte do adulto”. Para as crianças do nível silábico, a primeira letra já não é suficiente para se ler uma palavra, e vai escrevendo hipóteses cada vez mais complexas, chegando a necessitar de uma letra para cada sílaba. Essas pesquisadoras transformaram a compreensão do que é a escrita, pois em vez de um código a ser assimilado, a escrita é um sistema de representação que cada criança reconstrói até estar plenamente alfabetizada.

Aluno A: *KUIA*

Aluno B: *CTA*

Aluno C: *CUIA*

Na escrita em grupo encontrei:

CORE CUTIA

NA CAZA DA TIA

CORE SIPO

NA CAZA DA VO

LESINO NA MAOM

CAI NO XAOM

MOSA BONTA

DO MEO CORASAOM

Surgiram inúmeras ideias de como escrever a palavra cutia: poderia ser com K, mas uma das meninas foi contra, dizendo que seu nome é com K e essa letra só escreve nome de pessoa, e não serve para escrever *Corre, casa* ou *Cutia*. Então, resolveram usar a letra C. Havia discussões em todas as palavras: “*Casa é com z de zebra*”, dizia um menino. “*Não, é com s de sapo, de sadia, aquele da galinha*”. E em toda a escrita da parlenda as crianças jogavam letras e faziam a correspondência sonora, comparando com outras palavras que já conheciam e haviam memorizado.

Durante esse período foi respeitado todo o processo de construção de cada criança individualmente, ou seja, a maneira como cada uma pensava sobre as hipóteses da escrita. Acredito ter proporcionado momentos muito significativos durante minha prática de estágio, oferecendo material que possibilitou o desenvolvimento de cada criança.

Compreendi que a aprendizagem na alfabetização acontecia gradativamente, sem punições quanto ao erro, e hoje sei que a alfabetização ocorre naturalmente, dependendo do desenvolvimento de cada criança.

3.2 Lendo para aprender a ler

A leitura foi acontecendo também gradativamente, assim como a escrita, na brincadeira de faz de conta, lendo ou fazendo de conta que liam. Quando percebi, já estavam lendo gibis ou outro material de leitura, palavra a palavra, meio timidamente. As crianças iam lendo um texto que já conheciam de cor, e ajustando a fala ao que estava escrito. Acompanhavam os textos, músicas apresentadas com o dedinho, e iam descobrindo as palavras, querendo ajustar o que liam ao que estava escrito. Dessa maneira, as crianças conseguem reconhecer a primeira letra e algumas partes (sílabas) das palavras, comparando-as, como na escrita, com as palavras já conhecidas. Assim foram construindo também a leitura.

3.3 A professora como escriba

Por diversas vezes, durante esse período, servi como escriba para que as crianças pudessem fazer cartazes escritos para serem expostos, escrever bilhetes para serem enviados à família ou criar histórias. Mesmo as crianças que ainda não sabem escrever e ler convencionalmente são capazes de ditar textos com estrutura de diferentes gêneros.

Foi realizada uma atividade que consistia em recortar e colar gravuras de lanches saudáveis e não saudáveis, e como os cartazes seriam expostos no refeitório, eu servi de escriba, e as crianças o confeccionaram, mas participaram ditando o que queriam que eu escrevesse neles.

Em dois momentos foi realizada a escrita de histórias com observação de imagem por parte das crianças.

Texto 1 – *O cachorro esganado.*

Era uma vez um cachorro que passeava com um pedaço de carne na boca. Ele passou e olhou para o lado e viu um rio. Achou que era outro cachorro na água. Ele foi bastante esganado e tentou pegar a outra carne para ficar com duas. Deixou cair a carne e ficou olhando para o rio sem entender nada. Coitado, foi esganado e ficou sem nada. Bobalhão!

Texto 2 – Amor de família

Era uma vez uma cadelinha chamada Belinha que vivia muito triste. Ela era triste porque não tinha família. Uma vez Belinha viu dois gatinhos na rua, e levou para sua casa. Os gatinhos estavam sujos e morrendo de fome, de sede e com frio. Belinha resolveu cuidar dos gatinhos dando muito amor. Belinha deu nome aos seus filhinhos. A gatinha pequena ela chamou de Lindinha e a outra de Sapeca. Belinha viveu feliz com sua família.

As crianças de minha sala, mantendo contato diário com material escrito e leituras são capazes de diferenciar um texto de outro, ditar um texto, e perceber que há palavras que não ficam bem para serem escritas e ouvidas por outra pessoa. Diferentemente do que muitos professores acreditam, as crianças são capazes de perceber que as palavras podem transmitir uma mensagem.

A construção destes textos comprova sua capacidade. Mas pergunto como está a criatividade dos alunos mais velhos. Onde é perdida essa criatividade, o que acontece quando chegam a anos mais avançados e dizem não saber mais redigir? Será que falta leitura por parte dos professores que esquecem que, mesmo já sendo alfabetizadas, as crianças precisam de leitura em voz alta e de exemplos de um adulto. Isso seria outro tema para uma próxima pesquisa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para construir, e se apoderar da escrita e da leitura, a criança, além de reproduzir o que vê escrito, também pensa como estas são usadas, e ela elabora hipóteses, que aos poucos se transformam. Na tentativa, errando, refazendo e acertando a criança vai operar e se apropriar dessa construção.

Para que essas construções sejam significativas, é necessário que o professor respeite o erro que a criança apresentar, e que eles possam ser objetos de discussões e reflexões entre a criança e principalmente com o professor. Foi muito importante esse estudo para mim, pois percebi e entendi que esses erros são conhecimentos que a criança já apresentava e que gradativamente irão se transformar.

Antes mesmo de meu estágio obrigatório, já sabia o que queria pesquisar em meu trabalho de conclusão, pois diversas vezes discordei na escola de atividades oferecidas às crianças do primeiro ano, as quais eram mecanizadas, cansativas, enfadonhas e que não traziam conhecimento algum, nem aprendizagens significativas, mas somente desprezo por parte da criança, pela escola e por estar nela.

No momento que assumi um primeiro ano, comecei a ler e me informar para não cometer equívocos, e descobri que a inclusão da criança de seis anos no Ensino Fundamental não significava oferecer uma pré-escola, ou uma antiga primeira série, mas uma inserção de crianças, para ter contato com letras e o ambiente escolar. Ou seja, o maior objetivo é o contato com o mundo das letras. Para mim deveria de ser de uma maneira diferente, não poderia esquecer o fato de serem crianças, e que ainda necessitam brincar. Crianças que vivem num mundo da imaginação, mas que também procuram, querem e têm conhecimento do mundo real, da escrita e da leitura.

Oferecendo leituras de seu cotidiano e observando essa criança, pude comprovar teoricamente o que acontece em minha sala de aula, ou seja, que a

construção da leitura e da escrita acontece naturalmente, sem interferências de adultos, somente com a mediação, e essa pode e deve ser através do letramento. Ao mesmo tempo em que estavam brincando e cantando, estavam operando nessa construção.

O objetivo da escola em que trabalho não é oferecer a alfabetização no primeiro ano, ou seja, a criança não precisa terminar o primeiro ano lendo e escrevendo, mas somente ter contato com as letras, onde geralmente esse contato é feito de maneira isolada, diferente do que me propus, oferecendo material para que a criança sinta prazer. Ainda vejo atividades de encher linha circulando pela escola, e isso me incomoda muito. Atingi o objetivo proposto pela escola, mas, de uma maneira diferente, hoje a maioria já lê, escreve e principalmente é letrado, e preparado para dar continuidade à alfabetização nos demais anos do ensino fundamental.

Toda criança de seis anos, assim como as demais de diferentes idades, são reais, com capacidade e condição da construção, basta que o professor e a escola ofereçam oportunidades, sejam capaz de identificar o caminho de seu processo, e proporcionar momentos ricos e úteis que informam através do conhecimento apresentado pela criança.

Cada criança é diferente e vai construir a escrita e a leitura em ritmos diferentes e cabe aos professores o respeito nesse processo de construção, pois uns vão agir mais rapidamente e outros mais lentamente. Das dezessete crianças de minha sala de aula, posso concluir que onze estão no nível alfabético, e os demais no silábico, mas já possuem o hábito da leitura, e se interessam por diferentes tipos, como o jornal, mesmo que acabem lendo informações sobre futebol, no caso dos meninos. Mesmo os silábicos, ainda lendo somente algumas palavras e sua leitura ainda estar no início ou ainda lerem através das imagens com os gibis, são crianças participantes do mundo da leitura. As crianças já alfabéticas construíram a leitura por intermédio das revistas de quadrinho, leitura divertida. No início do ano letivo, usando a imaginação liam somente as imagens, semanalmente, na troca de livros na biblioteca, garimpam nas prateleiras gibis novos para levar para casa e diariamente na sala de aula, em nosso acervo, quem já lê serve de leitor para os demais.

A sala de aula, enfim, a escola proporciona um espaço de reflexões para qualquer professor que tenha consciência do que faz. Foi exatamente isso que aconteceu comigo, não que me considere a melhor de todas e que tenha realizado um estágio maravilhoso, mas somente agora, escrevendo e pesquisando para o Trabalho de Conclusão, pude perceber tudo o que ocorreu e ocorre dentro de minha sala de aula. Vivendo e aprendendo, ditado popular antigo, mas, que vale para muitas de nós, professoras, que às vezes esquecemos de ver com olhos de investigadoras, e nos deixamos levar pela falta de tempo, cansaço, ou mesmo descaso. É importante ver a criança com outros olhos, para que com essa investigação seja possível originar momentos prazerosos com verdadeiras aprendizagens para a criança e para a professora.

Receita para oferecer uma educação de qualidade acredito não existir, como sei que não existe receita para a alfabetização, mas, lendo o livro de Marlene Carvalho (2005, p. 133), encontrei o texto *Alfabetização sem receita* que não é uma receita, mas uma idéia de como oferecer uma educação para a criança recém chegada na escola, e que já possui algum conhecimento daquilo que a escola precisa e deve ensinar.

Pegue uma criança de 6 anos ou mais, no estado em que estiver suja ou limpa e coloque-a numa sala de aula onde existam muitas coisas escritas para olhar e examinar. Servem jornais, livros, revistas, embalagens, propaganda eleitoral, latas vazias, caixas de sabão, sacolas de supermercado, enfim, vários tipos de materiais que estiverem a seu alcance. Convide as crianças para brincarem de ler, adivinhando o que está escrito: você vai ver que elas já sabem muitas coisas.

Converse com a turma, troque idéias sobre quem são vocês e as coisas de que gostam. Escreva no quadro algumas das frases que foram ditas e lei-as em voz alta. Peça às que olhem os escritos que existem por aí, nas lojas, nos ônibus, nas ruas, na televisão. Escreva algumas dessas coisas no quadro e leia-as para a turma.

Deixe as crianças cortarem letras, palavras e frases dos jornais velhos e não esqueça de mandá-las limpar o chão depois, para não criar problemas na escola.

Todos os dias, leia em voz alta alguma coisa interessante: historinha, poesia, notícia de jornal, anedota, letra de música, adivinhações.

Mostre alguns tipos de coisas escritas que elas talvez não conheçam: um catálogo telefônico, um dicionário, um telegrama, uma carta, um bilhete, um livro de receitas de cozinha.

Desafie as crianças a pensarem sobre a escrita e pense você também. Quando elas estiverem escrevendo, deixe-as perguntar ou pedir ajuda ao colega. Não se apavore se uma criança estiver comendo letra: até hoje não houve caso de indigestão alfabética. Acalme a diretora se ela estiver alarmada.

Invente sua própria cartilha. Use sua capacidade de observação para verificar o que funciona, qual modo de ensinar que dá certo na sua turma. Leia e estude você também.

É preciso entender esse processo de construção não como transmissão por parte do professor. Aprender inclui prazer, a aprendizagem, e esse aprender se torna melhor na troca entre iguais, o que implica o trabalho em grupos. A aprendizagem não é igual à memorização, a imaginação precisa ter lugar de destaque sempre, e, finalmente, que a aprendizagem seja ligada necessariamente às experiências e vivências concretas das crianças.

Procurei minha formação, para minha realização pessoal, para deixar meus pais orgulhosos, por se tratar da primeira filha se formando, e, principalmente, para oferecer uma educação de qualidade para as crianças. Todo meu processo de ensino foi dentro de escolas públicas, em bairros pobres, na cidade de Rio Grande, mas, com professoras comprometidas e dedicadas. Desde o jardim de infância, até chegar a uma faculdade federal (FURG), onde cursei durante dois anos o curso de Geografia, mas que precisei abandonar por motivo particular, e vir morar em São Leopoldo, onde não aceitei cursar uma universidade particular, por motivos financeiros, e por acreditar na educação de qualidade das instituições públicas que havia passado. Meu sonho era o de cursar uma Universidade pública e concluir meus estudos como havia começado na pré-escola. Até o momento em que surge a oportunidade de participar do vestibular da UFRGS, e realmente comprovar a veracidade de se tratar de mais uma instituição pública de qualidade, onde estou enfim realizando meu sonho. Ser feliz na profissão que escolhi e oferecer uma

educação de qualidade às minhas pequenas crianças, repetindo aquilo que aprendi com meus mestres durante muitos anos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.
- BANDEIRA, Pedro. *Mais respeito que eu sou criança*. São Paulo: Moderna, 2002.
- BRASIL. Secretaria de Educação fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*: Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CHONG, Kate. In SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. . Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- DURAN, M. *Ciclo Básico em Jornada Única: uma Nova Concepção em Alfabetização*. In: SÃO PAULO. Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. *Ciclo Básico em Jornada Única, uma nova Concepção de Trabalho Pedagógico*. São Paulo: SE/CENP, 1990. Acesso em 06/11/2010. www.unesp.edu.br/revista/revista6/pdf/2.pdf.
- FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FREIRE, Paulo. *A importância de ler em três artigos que se completam*. São Paulo. Cortez, 1989
- NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro; PAGEL, Sandra Denise e BEAUCHAMP, Jeanete. *Ensino Fundamental de nove anos: orientação para inclusão da criança de seis anos de idade*. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.
- PIAGET, Jean. *Os estágios do desenvolvimento da criança e do adolescente*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- PIAGET, Jean. *Seis estudos de Psicologia*. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. *Boletim Informativo n.1, jun./ 1989*. In CARVALHO, Marlene. *Alfabetizar e Letrar: um diálogo entre a teoria e a prática*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- RITER, Caio. *A formação do leitor literário em casa e na escola*. São Paulo: Biruta, 2009.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.